

A FOTOGRAFIA COMO MEIO DE ACESSO A IDENTIDADE DOS ÍNDIOS PATAXÓS

IZABELA DINIZ FREITAS*

RESUMO

Este artigo busca reconhecer a identidade da etnia Pataxó por meio da fotografia e discorrer sobre alguns elementos simbólicos com a construção de uma narrativa visual do ritual tradicional Awê que enriquece os discursos antropológicos já existentes sobre a etnia. As imagens apresentadas fazem parte de um processo de construção de conhecimentos e preservação de memórias, vividas com essa etnia em distintos momentos. O trabalho fotográfico autoral aqui proposto dialoga com outras tantas pesquisas antropológicas anteriores, que nos trazem revelações poéticas e traduzem uma nova forma de interpretação das atualmente ameaçadas identidades indígenas.

Palavras-chave: fotografia, identidade, patrimônio cultural, antropologia visual, etnografia.

1. FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DE ACESSO ÀS CULTURAS INDÍGENAS

No campo de estudo da antropologia, a utilização dos recursos visuais nem sempre foi de muita relevância, mas estiveram presentes desde as primeiras experiências etnográficas. A utilização da fotografia na identificação e na construção de referências e narrativas que ajudam a esclarecer na compreensão de dados documentais, foram ganhando importância ao longo do tempo. Os processos etnográficos constituídos por fotografias servem desde então, como base de documentação científica dos processos sociais, das culturas e atualmente, da arte. A fotografia etnográfica está presente em pesquisas, trabalhos científicos, exposições ou diversos tipos de publicações e constituem o campo de estudos conhecido por Antropologia Visual.

No que concerne a insuficiência de discussões mais aprofundadas em questões metodológicas na antropologia visual, Etienne Samain e Hélio Sôlha preceituam alguns pontos relevantes para a incursão do reconhecimento de multimeios modernos, como os documentos visuais.

A guisa de conclusão, parece-nos que alguns pontos são relevantes para refletir. Seriam eles: 1- Repensar o conjunto metodológico que a antropologia nos ofereceu até o momento, face as especificidades que a

Antropologia Visual pode também nos proporcionar. 2 -Procurar criar um espaço no trabalho antropológico que permita a experimentação de um “novo fazer” gerando subsídios necessários à elaboração de metodologias específicas do uso dos multimeios nesse campo. 3 -Tal elaboração não poderá ser desvinculada, pensamos, de uma profunda reflexão sobre a lógica visual, a qual não pode ser equiparada de antemão a lógica da escrita e da oralidade. (SAMAIN & SÔLHA, 1987, p.6).

Perante a cientificidade que é abarcada pela escrita e pela oralidade, os multimeios são utilizados como complementares nas pesquisas etnológicas e normalmente figuram nas ciências sociais com valor ilustrativo, porém são instrumentos autônomos indispensáveis na pesquisa antropológica.

Samain e Sôlha, propõe também refletir sobre o potencial visual das produções materiais e utilitárias, artísticas e estéticas das novas perspectivas dessa antropologia enquanto canal expressivo das culturas humanas:

A questão que se coloca desta maneira não é a de se suspeitar do projeto de “cientificidade” da Antropologia verbal, e sim de alertá-la sobre as novas perspectivas de trabalho que a Antropologia Visual lhe proporciona. Pois, ao fazer tal reavaliação, descobrir-se-á que não é mais e apenas o olho humano que capta e tenta reproduzir, numa língua escrita, o que viu; descobrir-se-á também que o olho mecânico, ao termo de um registro direto, possibilita rever – com os filmados ou à luz de novas teorias – de modo crítico e quase que infinitamente os dados e documentos recolhidos. Descobrir-se-á ainda que esse olho permite descrever ordens de fatos dificilmente expressíveis pela palavra ou pôr em relevo outros tantos fatos que uma observação direta nunca poderia abranger. Serão ainda os produtos deste “novo olho” que, por ter conseguido preservar para a posteridade aspectos de nossas culturas em constante mutação, não somente tornarão possíveis uma leitura dinâmica sócio-cultural dos povos, mas servirão de meios e de canais para um intercambio cultural mais amplo entre os próprios grupos envolvidos. (SAMAIN & SÔLHA, 1987, p.6).

O processo de investigação artística e antropológica das referências de imagens visuais trazidas neste trabalho da etnia Pataxó, denotam para um campo de interpretação sensitiva “etnopoética” na fotografia documental. Discursam sobre as possibilidades de resgate cultural e construções de conhecimentos acerca das narrativas visuais, técnicas fotográficas, identificação de comportamentos, heranças e ferramentas para identificação de bens culturais dessas etnias.

A fotografia tem como função na antropologia, no âmbito do comportamento humano nos processos sociais, não somente descrever características específicas e tornar mais acessível o conhecimento de determinadas etnias ou grupos como instrumento de pesquisa, mas também compreende todo um arcabouço de significação, sentimento e memória.

As imagens fotográficas se relacionam com contextos culturais, documentam e contribuem para novas experiências de humanidade. Aproximar a fotografia com questões

de identidade cultural, arte e ciência por meio de registros, adequando-a ao estudo da antropologia visual, enriquece ainda mais esse sistema de representação de identidades documentadas no decorrer da história.

Para o IPHAN a fotografia é:

Um híbrido entre técnica e arte, a fotografia se tornou um eficaz instrumento para o campo da preservação cultural, devido às suas características de fornecer registros, de servir como fonte histórica e como documento visual. E de ser ela própria um bem cultural, imbuído de memória, identidade e valores individuais e coletivos. Por meio da história visual de uma sociedade, as fotografias permitem o conhecimento de sua cultura material. (IPHAN, 2015).

Não obstante a tantas formas interpretativas acerca do que uma imagem pode pretender, a fotografia carrega em si uma mensagem que vai muito além de uma mera ilustração, se constitui como ferramenta e linguagem criativa eficaz para reconhecimento, identificação e conseqüente valorização dos patrimônios culturais.

Ao captar valores que ordenam e dão sentido as formações sociais, o discurso fotográfico sistematiza essas imagens, de determinado contexto e época, para ser compreendida a especificidade particular de culturas diferentes, “de forma que podemos tornar legíveis ou inteligíveis esses saberes locais da diversidade da experiência humana” (GODOLPHIM, 1995, p.129).

Como toda ciência, tanto na antropologia como na interpretação de imagens em outros estudos sociais, não se observa apenas descrição e registro propriamente dito, mas também é englobado todo um sistema de significados na formação dos valores referentes a um contexto social. Conforme Godolphim: “a foto na antropologia deve ter o objetivo de captar uma situação etnográfica e sociológica. Precisa ser capaz de transmitir as peculiaridades dessa situação para uma terceira pessoa ou grupo e comunicar da melhor maneira possível a interpretação que o pesquisador pretende demonstrar” (Godolphim, 1995, p.129)

A fotografia nesse caso, vislumbra uma forma mais acessível de dados na antropologia como base informativa. A observação de preceitos identitários que consiste num processo de comunicação e enfatiza simbologias e práticas cotidianas como método de conhecimento, embora existam signos que são conhecidos mundialmente, outros são compreendidos somente dentro de determinados contextos, ou seja, de acordo com suas manifestações sociais, culturais ou religiosas, previamente explorados pelas imagens visuais e registro documental.

Sobre símbolos, Malinowski (1986, p.181) descreve que servem para ligar atores sociais entre si, por intermédio dos diversos meios de comunicação que põe a seu serviço;

serve igualmente para ligar os modelos aos valores, de que é a expressão mais completa e mais diretamente observável; por último os símbolos recriam incessantemente a participação e a identificação das pessoas e dos grupos às coletividades.

Não se trata apenas de registrar e descrever através de imagens os sistemas que englobam uma sociedade, mas captar os valores e significados que tem em comum entre ciência e arte, a potencialidade que a fotografia possui em expressar uma vivência e conduzir a sensações intangíveis, como o sagrado.

2. IDENTIDADE PATAXÓ

Na busca por composições iconográficas, a fotografia foi fundamental para fortalecer um discurso documental. A instrumentalização de alguns desses aspectos dialoga com elementos de identificação cultural simbólica na etnia Pataxó. Com o objetivo de contemplar uma imersão visual dos bens culturais dessa etnia e revelar experiências vividas, o processo de construção de conhecimento artístico e antropológico apresenta essa estreita relação entre a identidade e as condições de existência em todo o tempo com suas tradições.

A identidade de um povo é construída por várias particularidades, por meio de autodescrição dos comportamentos dos indivíduos dentro do grupo no qual estão inseridos e reconhecimento de suas práticas culturais. Determinados fatores de identidade são essenciais para que um grupo faça parte de tal cultura, como a ancestralidade, que consiste em transmitir conhecimentos aos seus descendentes.

Os sucessivos emaranhados que permeiam a construção simbólica e material como formas de expressão cultural, compreendem a importância da cultura para a sociedade. Os elementos identitários de um povo, em seu viés antropológico, engloba o conjunto de conhecimentos, hábitos, costumes, manifestações, artesanato, dentre outros aspectos culturais. Essas características se apresentam a partir de uma consciência de unidade identitária ou como forma de alteridade, e buscam demonstrar a diferença com relação a outras culturas em relação a memória, o local, a raça, o idioma, a religião, a produção artística e científica, dentre outros requisitos essenciais.

Em relação à identidade, o Decreto 6.040/2007 institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT). O principal objetivo dessa política é:

(...) promover o desenvolvimento sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais com ênfase no reconhecimento, fortalecimento e garantia de seus direitos territoriais, sociais, ambientais, econômicos e culturais, com

respeito e valorização à sua identidade, suas formas de organização e suas instituições. (DECRETO 6.040, 2007, p.3).

O Decreto 6.040/2007 merece destaque, pois institui uma política nacional de desenvolvimento sustentável desses grupos sociais. Preconiza que os territórios são essenciais e necessários para a reprodução cultural, social e econômica. Além de enfatizar o seu reconhecimento, fortalecimento e garantia dos direitos com o respeito e valorização à identidade, formas de organização social, política e institucional.

A observação dos elementos de identificação simbólicos dos processos de identidade da etnia Pataxó, por meio da etnografia, como metodologia antropológica na produção de dados, contribui para compreensão histórica e suas ressignificações com o passar do tempo. Dessa forma, com a consciência da diversidade da cultura brasileira, ao me inserir no contexto desse grupo, foi possível instrumentalizar as vivências dos comportamentos dessa etnia.

Justamente por buscar entendimentos a partir da perspectiva dos sujeitos estudados e suas manifestações culturais, o trabalho autoral aqui proposto busca essas revelações poéticas e traduzem novas formas de interpretação das imagens na antropologia.

Retratar um povo que ainda sofre com a discriminação e descaso em relação aos direitos básicos me convenceu a narrar “fotograficamente” seus bens culturais e seu cotidiano, de forma que eu vivesse e pudesse externar, em algum momento, a verdade do outro. Tento ilustrar de forma híbrida, arte, conhecimento e informação. A fotografia foi fundamental para que eu exprimisse de forma poética, uma sensibilidade artística e espiritual. Um anseio maior na busca da minha própria identidade. A fotografia se tornou um primeiro passo nessa jornada a favor de uma história a ser contada.

É nesse emaranhado entre simbologias e bens patrimoniais que a fotografia se mantém presente, ao interagir e compartilhar as práticas e significados que compõem a sua experiência.

3. MANIFESTAÇÕES CULTURAIS PATAXÓS – AWÊ

Nessa mesma perspectiva documental etnopoética, os registros que realizei se aprofundaram nas manifestações culturais na expectativa de evidenciar a identidade dessa etnia. Retratar um passado marcado pela valorização da ancestralidade e na preservação cultural, aqui representada por uma das marcas simbólicas mais expressivas, conhecido pelo ritual tradicional chamado Awê.

A dança para os índios Pataxós é muito importante e é um patrimônio imaterial dessa etnia. Representa espiritualidade, união, força, estreitamento de laços entre familiares e

consolida a cultura de seu povo. A confirmação de identidade desse grupo, ao mesmo tempo que, simbolicamente, é celebrada em momentos sagrados, também são apresentados como prática de manifestações coletivas em dias de lua cheia para turistas.

Como se trata de um código de comunicação entre eles, a dança e os cantos de orações em Patxohã, exprimem a comunhão com os outros, entidades e com o meio onde vivem, além do contato com a terra e toda a natureza, consagra-se a aldeia mãe como local especial para a realização desses encontros.

O awê traz a segurança: a dança e o canto são instrumentos de comunhão entre os pataxó, pois o canto é a voz dos espíritos, é mensagem entre as pessoas que faz viajar entre histórias, mergulhar em sonhos, viajar por mundos distantes. Na dança, transpira-se energia antiga e recupera-se outras da terra, do ar, da água, do fogo e de todas as energias positivas que formam a natureza. A dança e o canto Pataxó buscam a harmonia do canto dos pássaros, o barulho das águas, o movimento das nuvens, o silêncio das pedras, o ruído dos ventos, o calor do sol e a pureza da luz... É assim que celebram e revivem com os antepassados tudo o que são, buscando neles a força para continuar lutando e enfrentando os desafios da vida. (INVENTÁRIO CULTURAL PATAXÓ, 2011).

A poesia que caracteriza os valores e mitos presenciados durante as apresentações na noite de lua cheia, intensificam o clima que almeja expressar fé e devoção. A dança e o canto são instrumentos de harmonia entre o grupo, espiritualidade e conexão com a natureza. Exprime-se a experiência de vida e história dessa cultura onde os valores na roda do Awê são externados e sentidos. Os passos e pisadas fortes no chão são marcados pelos agitos dos marakãñã, conhecidos como maracás.

São músicas cantadas durante o início até o final de todo o ritual. Existem cantos que são mais alegres em que se expressa o êxito por uma boa caçada ou até mesmo a alegria pela visita dos parentes de outras aldeias, assim como a despedida no encerramento do ritual ou na morte de um parente. Neste caso, são cantadas como uma forma de consolo e dando força para os familiares. Os cantos também são entoados durante retomas de terra ou uma mobilização demonstrando força, coragem, resistência. Durante um casamento em que se celebra a união entre casais, os cantos são de extrema importância. Para o povo pataxó eles trazem uma significação dentro do ritual. (VIEIRA, 2016, p.37).

O Awê não é o único ritual que compõe essas manifestações culturais do povo Pataxó – os rituais são considerados importantes laços entre ancestrais e abrange expressões simbólicas. Existe também o ritual da Aruanda dentre outros encontros, como o corte do cabelo, a reza e o batismo. Alguns relatos de professores indígenas sobre o Awê:

Nossos rituais representam cultura, luta, força e fé. A dança e as músicas são rituais muito importantes. Através do contato com a natureza, recebemos a força de Tupã, como por exemplo o ritual da Aruanda, que é uma planta medicinal feito para tirar maus espíritos. (BAHIA, 2005, p.86).

Nesse aprofundamento de campo são usados os objetos cerimoniais como inalante rapé, vestimentas chamadas tupissay reconhecidas como as saias de fibras, o colar massaká, o cocar urataká, além da pintura corporal e as comidas típicas. A fogueira também é um elemento muito importante nesse dia.

As pisadas fortes e cantos em Patxohã ecoam longe em noite de Awê. Embora não sejam objetos, fazem toda a diferença no ritual e tem uma função muito importante, a de comunhão. Além da preparação de todos os integrantes, esses elementos podem afetar aqueles que não estão preparados espiritualmente.

Figura 13 – Dança de pisada forte. Awê na Aldeia Mãe Barra Velha, Bahia.

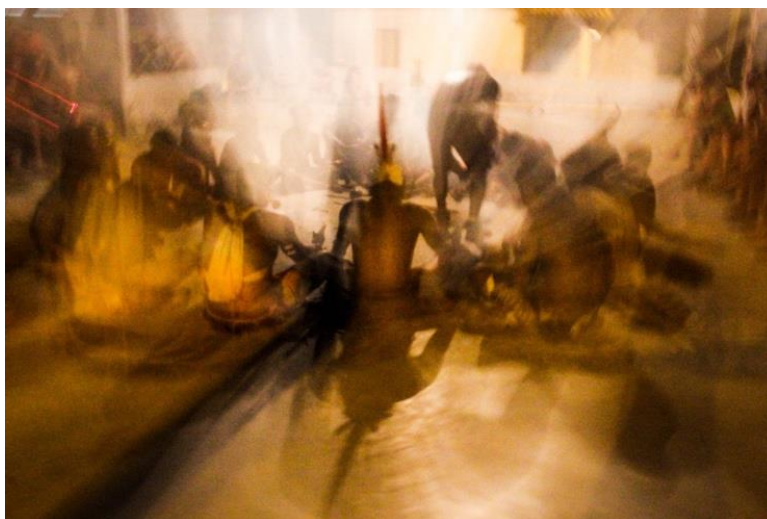


Fonte: fotografia realizada pela autora em 2017.

Trazer essas sensações para o intelecto com a concepção artística ajuda a potencializar as novas interpretações, guiadas pela sensibilidade do receptor da imagem, na tentativa de oferecer ao leitor uma imersão visual através dela, que almeja expressar respeito, fé, misticismo e conexões ancestrais como escritura etnográfica.

Ao implementar a técnica de velocidade baixa e a linguagem fotográfica em contraluz nas fotografias, inserida num contexto da noite de lua cheia, consegui alcançar um resultado que gostaria de denotar a experiência vivida de forma a configurar um ar de sagrado e de reconhecimento simbólico do movimento nas práticas ritualísticas.

Figura 14 – Momento de defumação na roda das lideranças indígenas. Awê na Aldeia Mãe Barra Velha, Bahia.

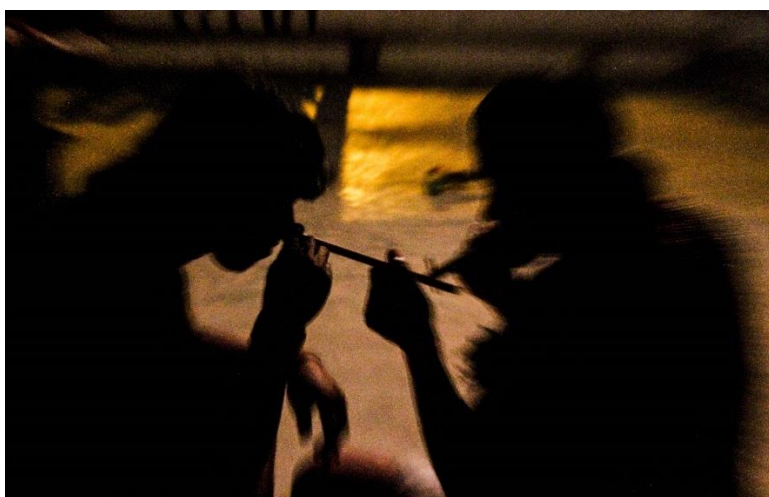


Fonte: fotografia realizada pela autora em 2017.

O rapé usado pelos Pataxós é uma mistura de ervas medicinais como a amesca, folha de laranja da terra, folha de fumo, noz moscada e favaquinha. Faz parte da medicina tradicional de muitos povos indígenas e é usado nos rituais do awê. Para os pataxós, o pó tem o poder de conectar energias além de curar o corpo, cura a alma. Essas ervas são torradas no fogo e moídas e servem também como remédio em caso de gripes e resfriados.

O kuhútxuhy que é um rapé onde é, faz dança, então num é rapé comum é um rapé de cura, um rapé de trazer conhecimento, trazer niamisu, bom né? então assim eu recebi é pra mim fazer essa mistura de folhas de ervas para fazer esse kuhú, né! tem vários kuhú ai né. (entrevista Kanatyo Pataxó). (VIEIRA, 2016, p.30).

Figura 15 – Inalação de rapé. Awê na Aldeia Mãe Barra Velha, Bahia.



Fonte: fotografia realizada pela autora em 2017.

A prática do ritual Awê tem uma participação assídua da comunidade. É uma manifestação que engloba vários aspectos da cultura pataxó, seja na riqueza simbólica de suas manifestações, seja pela diversidade de seus bens culturais. Eles são resistentes na sobrevivência de sua cultura.

Os saberes que cada um dos anciãos nos tem passado não tem como objetivo serem escritos, descritos e registrados, pois a maneira como lidamos com esses conhecimentos é por meio da transmissão oral. Esses conhecimentos, eles guardam na memória, para que, no momento certo e adequado, sejam ensinados e repassados, como acontece em rituais como o Awê. Durante a roda de ritual do Awê, sempre um dos anciãos ou até mesmo algum jovem fala sobre suas experiências como indígena, sobre lutas e conquistas. E ouvimos também as anciãs falarem sobre luta, a luta de sua mãe, a luta de seus parentes próximos, das primeiras pessoas que cantaram as músicas do awê. Escutamos, ainda, afirmarem que através desses cantos veio a reconquista da terra, e que através desses cantos é que são narrados momentos reais que aconteceram ou que acontecem na aldeia. Isso nos mostra o quanto é importante cantar, pois o canto traz força, traz alegria, é uma formada contar nossas histórias de vida, por isso é importante que cada canto entoado. é se não der pra cantar em um só ritual, o que frequentemente acontece, vamos revezando sempre os cantos, a fim de não esquecer-los. (VIEIRA, 2016, p.48).

A integração dos Pataxós se dá através de seus signos étnicos e seus códigos culturais. O embasamento e a reestruturação da ordenação da identidade etnocultural se forma a partir da observação de elementos da cultura material e imaterial são expressões utilizadas na reafirmação da identidade e são táticas que podem funcionar como estratégias de resistência.

4.Considerações finais

Os olhos dialogam com a imagem visual e a narrativa construída se manifesta como uma etnografia visual, tanto documental quanto poética, inerentes à própria linguagem fotográfica. Tal ato se instaura em uma relação tridimensional entre mundos diferentes. De um lado meu olhar, e através dele, o do espectador e do outro lado, o dos índios. Dessa forma, somos interpelados por esses que nos olham e em vários momentos, torna-se um ritual que se inverte pelo olhar que é devolvido. Nesse contexto a poesia visual se confirma, num ritual de retratos de identificações entre fotógrafo, fotografados e observadores.

A abordagem de questões de identidade cultural de forma etnopoética, revelam que os olhos falam com a alma. A manifestação de uma etnopoesia das fotografias, por mim captadas, se difundem cada vez mais como lugar etnográfico na arte contemporânea. A arte é uma linguagem e tem o poder de nos trazer reflexões. É com esse propósito de valores em sua prática, que a conservação do patrimônio também contribui para a proteção desses ambientes.

Diante do panorama atual, no que concerne a vulnerabilidade desses povos e dos descasos políticos, pode-se dizer que a realidade é de desrespeito aos direitos básicos desses povos e comunidades. Promover o desenvolvimento, mesmo que através dos meios de comunicação que são influenciadores de opiniões cada vez mais utilizados, com ênfase

no reconhecimento, fortalecimento, garantia a direitos territoriais, sociais, ambientais, econômicos e culturais, com o respeito e a valorização às identidades, essa é uma luta que através da fotografia almejo transmitir meus sentimentos de respeito ao povo brasileiro.

Referências Bibliográficas

BAHIA (estado). Secretaria de educação. Professores indígenas povo pataxó- leitura Pataxó: raízes e vivências do povo pataxó nas escolas. Salvador: MEC/FNDE/SEC/SUDEB, 2005.

BRASIL. Constituição 1988. DECRETO-LEI Nº 6.040, DE 7 DE FEVEREIRO DE 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>. Acesso em: 20 nov. 2018.

GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p.125-142, jul./set. 1995.

MALINOWSKI, B. O papel do mito na vida. In: DURHAM, Eunice (org.). Malinowski. Ed. Ática, Coleção Grandes Cientistas Sociais – Antropologia, vol. 55, 1986.

POVO PATAXÓ. Inventário Cultural Pataxó: Traições do povo pataxó do extremo sul da Bahia. Bahia: Atxohã/ Instituto tribos Jovens (ITJ), 2011.

SAMAIN, Etienne; SÔLHA, Helio. Cadernos de textos. Antropologia Visual. Rio de Janeiro: Museu do índio, 1987.

VIEIRA, Vislandes Bonfim. A importância do canto dentro do ritual Awê. TCC (Licenciatura em Línguas, Artes e Literatura/LAL). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. 49 f. 2016.